

# A terminologia da cana-de-açúcar no Brasil em duas perspectivas: do engenho à usina

## The Brazilian sugarcane terminology in a double perspective: from the mill to the plant

Luís Henrique Serra<sup>1</sup>

*Abstract:* The sugarcane is one of the most important products of the Brazilian economy. The sugarcane sector is one of the fastest growing sectors in the world and it is one of the most profitable to the country. Within the development of this sector, a great number of terms have appeared, thanks to the emergence of new concepts. On the other hand, there is also a large production of the sector in states where it is not so developed. These terms, on behalf of a successful communication, should be collected and cataloged. This study deals with the terms used by experts and by farmers of the Brazilian sugarcane sector. The aim is to show how the variation in these terms is proportional to specialization in the field.

*Keywords:* Sugarcane; terms; agricultural sector; Micro planter; small planter.

*Resumo:* A cana-de-açúcar é um dos principais produtos da balança comercial brasileira. O setor canavieiro é um dos que mais tem crescido no mundo e que tem dado grandes lucros ao País. Com o desenvolvimento do setor, um volumoso número de termos tem surgido, graças aos novos conceitos que emergiram. Por outro lado, há também uma grande produção nos estados em que o setor não é tão desenvolvido. Tais termos, em nome de uma comunicação bem sucedida, devem ser recolhidos e catalogados. Este estudo averigua os termos utilizados pelo técnico e pelo pequeno agricultor do universo da cana-de-açúcar do Brasil. Objetiva-se, com isso, mostrar como neste setor a variação é proporcional à especialização da atividade.

*Palavras-chave:* Cana-de-açúcar; termos; Setor Agrícola; micro e Pequeno agricultor.

---

<sup>1</sup> Discente do Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Bolsista do CNPq (Processo n 134051/2013-0): luis.serra@usp.br

## 1. Introdução

A cana-de-açúcar foi e permanentemente será uma das principais plantas da história brasileira. No passado, à luz de sua cultura e seu beneficiamento, as cidades brasileiras cresciam e se formavam, delimitando o espaço populacional no Brasil. Qualquer leve debruçar sobre a história do Brasil logo remete à história da cana-de-açúcar e de sua importância para a formação social e cultural do País.

No mesmo sentido, como na formação do Brasil, a cana-de-açúcar continua tendo um papel importante. Atualmente, a cana eleva o patamar do Brasil e o coloca entre as grandes potências agrícolas do mundo. Essa posição, conseguida num contexto global em que o fim do petróleo se anuncia e em que os cientistas apontam para a importância dos combustíveis renováveis, faz com que o Brasil desponte como potência mundial do biocombustível. Desse modo é que, nos últimos anos, a indústria canavieira tem crescido espantosamente, fazendo surgirem parques industriais gigantescos de produção de açúcar, álcool e cachaça, entre outros produtos advindos da cana.

Por outro lado, a cana-de-açúcar, em alguns estados, ainda possui uma realidade tradicional, sem as grandes alterações vividas pelo setor nos estados de grande importância, como São Paulo e Minas Gerais. Em alguns desses estados, a produção ainda é primária, *plantada no toco*, que é a expressão utilizada pelos micro e pequenos agricultores para denominar a plantação que não é mecanizada. Nesses estados, grande parte da produção passa pelas mãos do micro e do pequeno agricultor, que a cultiva para produção de inúmeros produtos populares, como a cachaça e a rapadura, que têm grande aceitação no mercado nacional e internacional.

Observando essas duas realidades, este trabalho é um recorte de uma pesquisa mais ampla que visa à recolha e à análise dos termos dessa cultura no Brasil. Objetiva-se observar quais os termos dessa cultura no país, em duas

perspectivas: na perspectiva do técnico e do empresariado do setor mecanizado da cana-de-açúcar - e desses puderam ser extraídos os termos utilizados desde a indústria até os termos utilizados pelo técnico-agrícola e pelos outros profissionais agrônomos; e em outra perspectiva, a do micro e do pequeno agricultor de cana-de-açúcar, que vai desde o plantador, passando pelo lambiqueiro, que é o profissional responsável pela produção da cachaça, e indo até o vendedor, para saber os nomes populares que a cachaça recebe<sup>1</sup>.

O *corpus* deste trabalho é constituído por um grande volume de textos publicados pelo setor canavieiro e por especialistas na plantação e colheita de cana-de-açúcar. Os textos foram escritos em língua portuguesa e publicados no Brasil, nos primeiros 12 anos do século XXI. Com relação aos plantadores de cana-de-açúcar, o *corpus* é constituído por um conjunto de dez entrevistas feitas com micro e pequenos agricultores de cana-de-açúcar do Maranhão, que estão disponíveis no banco de dados do projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA)<sup>2</sup>, em sua vertente dos Produtos Extrativistas e Agroextrativistas Maranhenses - cana-de-açúcar.

Objetiva-se, com este estudo, mostrar como a terminologia de um só universo pode diferenciar-se, ou seja, variar de acordo com os níveis de mecanização (ou aperfeiçoamento) da atividade. A perspectiva teórica adotada aqui é a descritivista, tendo como apoio a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), pensada por Cabré (2002), Auger (2001), entre outros estudiosos.

---

<sup>1</sup> Mario Souto Maior catalogou inúmeras denominações curiosas dadas à cachaça no imaginário popular. A catalogação resultou no Dicionário Folclórico da Cachaça (1980).

<sup>2</sup> O ALiMA é um projeto do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão e tem como objetivo a recolha, a análise e o mapeamento do falar maranhense. No projeto, funcionam outros subprojetos (Produtos Extrativistas e Agroextrativistas Maranhenses, Manifestações Africanas no Maranhão, Línguas Indígenas, Bumba-boi do Maranhão, entre outros), dentre os quais se destacam os subprojetos Produtos Extrativistas e Agroextrativistas Maranhenses - arroz, babaçu, caranguejo, milho, mandioca e cana-de-açúcar. Desta última vertente, foram extraídos os dados para esse estudo.

## 2. A Teoria Comunicativa da Terminologia: O Especialista em Foco

A Terminologia é hoje um grande campo de estudos, tendo se desenvolvido sobremaneira nos últimos vinte anos do século passado. Atualmente, ela cresce continuamente, ganhando cada vez mais espaço nas grandes cidades do mundo e nas localidades afastadas. Barros (2006: 26) lembra que: “A terminologia encontra-se, hoje, em plena expansão em nível nacional e internacional e seus estudos exigem (...) o estabelecimento de relações de colaboração com diferentes áreas científicas e técnicas”.

No Brasil, a Terminologia tem ganhado cada vez mais espaço. Os grandes centros universitários do país hoje possuem grupos de estudiosos especializados na área, pesquisas que se desenvolvem em quase todas as universidades do país, além de que, em alguns programas de pós-graduação, a disciplina já é ministrada há alguns anos. Proliferam trabalhos que tenham como perspectiva a descrição linguística e conceitual dos universos especializados.

As grandes empresas e os governos do mundo também têm observado o valor do profissional da Terminologia, graças a seu caráter interdisciplinar. Essa valorização tem origem na compreensão da importância da comunicação especializada para uma empresa, ou ainda, para um país.

No âmbito dos estudos sobre as linguagens especializadas (ou os discursos especializados), a Terminologia avança ao adotar uma postura descritivista, aceitando como objeto de estudo não só a comunicação feita pelo especialista com formação profissional especializada, mas também os especialistas com conhecimento empírico e os profissionais que trabalham na linha de produção das empresas. É válido lembrar que, conforme Gaudin (1993), esse novo posicionamento da Terminologia tem por base os estudos feitos em Sociolinguística, que asseguram que os fatores extralinguísticos, como grau de escolaridade, localidade e profissão, entre outros fatores, são

importantes para que sejam entendidos os mecanismos da mudança linguística.

Louis Guilbert afirma que a significação do termo “sucede à retórica, à gramática e à sociolinguística”. Isso fundamentou as bases de uma redefinição teórica da disciplina, fato que permitiu a Pierre Auger concluir que hoje “os desenvolvimentos recentes da Sociolinguística têm orientado de uma nova maneira a pesquisa em Terminologia para considerações até agora desconhecidas. (GAUDIN 1993: 68(tradução sugerida)<sup>3</sup>

Com relação ao aspecto especialização na Terminologia, é importante lembrar a colocação de Cabré (2002), referente aos princípios que norteiam a teoria comunicativa da terminologia (TCT), teoria que fundamenta grande parte dos trabalhos feitos na área. A autora lembra que a nova teoria tem que dar conta de uma lacuna deixada pela terminologia clássica que tem a ver com o aspecto humano-profissional dos universos especializados. Para ela, uma teoria da Terminologia:

Tem que explicar as concomitâncias e diferenças entre o conhecimento geral e o especializado sem desassociá-los da competência do falante especialista, mas conservando a idiosincrasia de cada um. Portanto, tem-se que assumir que existem campos diferentes de conhecimento especializados, mas este conhecimento não estará interiorizado de forma independente na mente do falante. (CABRÉ 2002: 53) (tradução sugerida)<sup>4</sup>

Não se pode deixar de atentar para o fato de que a TCT é uma teoria que se pauta nos usos profissionais das palavras. Lerat (1997) lembra que as linguagens especializadas são “antes de tudo uma linguagem em situação de emprego profissional (...). é uma língua como um sistema autônomo, mas a

---

<sup>3</sup> Tradução para: Déjà, Louis Guilbert affirmait que la signification du terme “relève et de la rhétorique et de la grammaire et de la sociolinguistique”. C’était poser les bases d’une redéfinition théorique de la discipline, entreprise qui permet à Pierre Auger de conclure aujourd’hui que “les développements récents de la sociolinguistique ont orienté de façon nouvelle la recherche en terminologie vers de nouvelles considérations inconnues jusqu’alors.

<sup>4</sup> Ha de explicar las concomitancias y diferencias entre los conocimiento general y el especializado sin disociarlos en la competencia del hablantes-especialista, pero conservando la idiosincrasia de cada uno. Por tanto tiene que asumir que existen rasgos diferenciadores del conocimiento especializado, pero que este conocimiento no esta interiorizado de forma independiente en mente del hablante.

serviço de uma função mais ampla: a transmissão do conhecimento” (LERAT 1997: 18)<sup>5</sup>, sendo o profissional terminólogo de suma importância para essa transmissão do conhecimento, porque é ele quem vai construir as unidades de conhecimento especializado, é ele quem sugere as denominações dos conceitos específicos, que poderão ser de simples denominações terminologizadas (bandeira [parte superior da cana], torta [bolo vegetal utilizado na indústria canavieira]) até formas alfanuméricas e complexas (folha 8, LICOR 3100, BR872552).

Na esteira dessa discussão, a conclusão que chega Cabré (2002), ao formular as bases da TCT, é de suma importância: ela mostra que o perfil profissional do especialista de uma área é importante para a descrição das linguagens especializadas. Cabré (2002) lembra que:

(...) a terminologia pode fazer parte dos signos da linguagem natural e integrar-se ao conhecimento do falante, que é ao mesmo tempo falante e profissional de uma matéria. (...) A Terminologia, vista por uma teoria linguística não redutiva que inclua a competência e a atuação dos falantes contemplados em sua heterogeneidade cognitiva e comunicativa, deve propor uma teoria que ao mesmo tempo dê conta dos fenômenos da linguagem geral, descreva as especificidades cognitivas, linguísticas (gramaticais, pragmáticas, textuais e discursivas) e comunicativa das linguagens das unidades terminológicas e explique como o falante-especialista adquire estas especificidades e utiliza essas unidades. (CABRÉ 2002: 51-52)<sup>6</sup> (grifos não originais) (tradução sugerida)

Gambier (1991), ao tratar dos usos das terminologias instituídas pelas grandes corporações, afirma que para a Socioterminologia:

---

<sup>5</sup> La lengua especializada es ante todo una lengua en situación de empleo profesional(...). Es la lengua misma como sistema autónomo, pero al servicio de una función más amplia: la transmisión de conocimientos.

<sup>6</sup> (...) la terminología puede formar parte de los signos del lenguaje natural e integrarse en el conocimiento del hablante, que es al mismo tiempo hablante de una lengua y profesional de una materia. (...) La terminología, vista desde una teoría lingüística no reductiva que incluya la competencia y la actuación de los hablantes contemplados en su heterogeneidad cognitiva y comunicativa, debe proponer una teoría que al mismo tiempo que da cuenta de los fenómenos del lenguaje general, describa las especificidades cognitivas, lingüísticas (gramaticales, pragmáticas, textuales y discursivas) y comunicativa de las unidades terminológicas, y explique cómo el hablante-especialista adquiere estas especificidades y utiliza estas unidades.

O uso espontâneo é posto em oposição ao uso oficial (...). Mas contrário ao dispositivo institucional, a produção e a difusão da massa terminológica mantém-se “incontrolável”, isto é, regida pelos atos e pelos atores em contradição. A Socioterminologia constrói um caminho para um outro nível de análise, por tentar compreender os dados entre denominação (produção linguística) e as necessidades conceituais (práticas sociais), entre trabalho (força produtiva) e saber-fazer (dinâmica cognitiva). (GAMBIER 1991: 9) (grifos originais, tradução sugerida)<sup>7</sup>

Desse modo, Gambier chama a atenção para a terminologia criada também pela parte de baixo da pirâmide de produção, pela força produtiva das indústrias. E, como ele afirma, muitas vezes, o que se torna oficial, dado o uso intenso, é a forma dita “não oficial”, que não passou pela banca terminológica, mas pelo crivo dos usuários especialistas.

Visto desse ângulo, é possível conceber que, em Terminologia, o aspecto nível de especialização deve ser considerado, caso se queira ter uma visão ampla e real dos universos específicos. O aspecto nível de especialização norteia a denominação e a organização conceitual. É sabido que um conceito, dependendo do profissional, de seu nível de especialização, pode apresentar inúmeras denominações, instituindo-se assim a sinonímia terminológica.

No universo da cana-de-açúcar, a variação profissional é bastante evidente. Vê-se que um só universo abriga inúmeros profissionais com características particulares e com formações profissionais e técnicas bastante diferenciadas, sempre obedecendo às estruturas hierárquicas das organizações. Esse modo de organização das empresas não pode ser negligenciado pelos estudos em Terminologia, visto que este é um fator que determina a variação terminológica nos discursos específicos.

Este estudo leva em consideração esse fator, mostrando como a variação denominativa nesse universo tem por base a variação profissional ou nível de especialidade.

---

<sup>7</sup> L'usage spontané est posé par opposition à celui officiel (...). mais contrairement au dispositif institutionnalisé, la production et la diffusion de la masse des termes restent « incontrôlés », c-à-d. réglées par des actes et des acteurs en contradiction. La socioterminologie à constituer parvient ici à un autre niveau d'analyse pour tenter de comprendre les rapports entre dénomination (productions langagières) et besoins conceptuels (pratiques sociales), entre travail (forces productives) et savoir/ savoir-faire (dynamique cognitive).

## 3. A Terminologia da Cana-de-Açúcar do Brasil: Duas Perspectivas

### 3.1. Os dados

Os dados utilizados para este estudo têm dois registros, um oral e o outro impresso.

O universo da cana-de-açúcar é bastante vasto e muito complexo, com inúmeros especialistas que atuam desde o momento da plantação das sementes da cana até o momento dos estoques dos produtos beneficiados a partir da cana-de-açúcar, e, cada um destes profissionais possui uma terminologia própria e específica. Desse modo, para fins deste estudo, foi feito um recorte de modo que os campos conceituais dos dois profissionais pudessem ser contemplados. É válido ressaltar que o universo do técnico agrícola é mais vasto e mais complexo do que o do micro e do pequeno agricultor, desse modo, nem sempre os dois universos possuem interseções. Nesse sentido é que a área contemplada foi a da produção, ramificada para as áreas da plantação e do beneficiamento da cachaça (ou álcool, no caso da indústria).

*Corpus impresso:* fora recolhido um volumoso material publicado em língua portuguesa do Brasil de diferentes fontes. Teses, dissertações, artigos científicos, circulares do setor canavieiro, textos de sites das cooperativas da indústria canavieira do Nordeste e do Centro-Oeste, que são as duas maiores regiões produtoras no País. São fontes deste estudo, as revistas Canavieiros, Canarevista e Plantar, revistas que tratam especificamente dos acontecimentos do setor canavieiro no Brasil; uma outra fonte são os textos dos sites das indústrias e cooperativas de indústrias, como os sites da União da Indústria Canavieira (UNICA), da Cooperativa das Indústrias Canavieiras (COOPERCAN) e da União dos Produtores de Bioenergia(UDOP).

O *corpus* impresso representou o discurso da indústria canavieira e do técnico agrícola, visto que esses são os principais signatários dos textos encontrados no corpus.

**Material oral:** o *corpus* em sua face oral é um conjunto de entrevistas feitas com micro e pequeno agricultores de cana-de-açúcar do Maranhão. O *corpus* foi recolhido pelo Projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA), da Universidade Federal do Maranhão, para compor o banco de dados terminológico das culturas extrativistas e agroextrativistas maranhenses. Para sua composição, foram feitas entrevistas com lavradores e lambiqueiros de oito municípios maranhenses que, segundo dados do IBGE e da EMBRAPA, são grandes produtores de cana-de-açúcar no estado. Cada entrevista fora transcrita e está armazenada no banco de dados do ALiMA.

As entrevistas recolhidas representaram o discurso do micro e do pequeno agricultor de cana-de-açúcar.

De acordo com uma interessante pesquisa feita por Nunes (2008) em outros municípios do País e em outras localidades do globo (sobretudo as africanas e as portuguesas), percebeu-se que a variação na terminologia da cana-de-açúcar, em sua face não industrial, não apresenta um número elevado de variações, isso graças ao organizado sistema colonial da cana-de-açúcar montado no século XVIII e XIX, em que os mestres e os trabalhadores da cana tinham sempre a mesma origem, algum país africano para cuidar da lavoura e trabalhar nas caldeiras do engenho e alguém de um país europeu para administrar o engenho e a casa grande. Com esse fato, é possível mostrar a amplitude dos dados deste trabalho.

Para uma melhor compreensão e apresentação dos objetivos deste estudo, os termos foram organizados em um texto explicativo sobre a atividade em apreciação, por parecer mais de acordo com a TCT e por deixar mais claro o seu conceito. Desse modo, quando necessário, foram apresentados conceitos mais específicos entre parênteses para melhor compreensão dos termos.

## 3.2. A Terminologia da Cana-de-Açúcar: Do Engenho à usina

Dado o avançado processo de industrialização da indústria canavieira, é lógico que os termos utilizados pela indústria e pelo técnico agrícola são mais amplos e mais complexos graças à atual preocupação que as grandes organizações têm tido, sobretudo depois da concepção das normas ISO, cuja obediência rende-lhes o tão perseguido selo ISO.

### 3.2.1. CAMPO CONCEITUAL PLANTAÇÃO

O campo conceitual plantação é um campo que abrange desde o momento da plantação até o corte da cana no canavial. Desse modo, foram observados termos utilizados pelos dois profissionais no momento do corte, que denominam máquinas, instrumentos e aparelhos utilizados pela indústria no canavial; termos do momento do transporte do canavial até o engenho ou à indústria, bem como o nome dos profissionais que trabalham neste setor.

O micro e o pequeno plantador de cana-de-açúcar, no momento da plantação, fazem uso da *enxada* para abrir os buracos, que eles denominam *cova* ou *sulco*; em algumas localidades, o termo *cova* é polissêmico, por determinar tanto o buraco onde é plantada a semente da cana (ou o canudo, olhadura, olho, olho da cana, entre outras denominações) como a organização aleatória do canavial (cf. SERRA 2012), que, geralmente, é plantada em fileira, o que acaba formando os termos *linha* e *fileira* para denominar essa organização da plantação. Nas fileiras ou nas covas, a família da cana (a cana mãe e as socas, os rebrotos) é denominada de *soqueiras*, essas *soqueiras* são cortadas primeiramente. No corte, geralmente, os plantadores utilizam o *facão* para o corte da cana. Depois de cortada, a cana é organizada por feixes, cada feixe o agricultor denomina *moita* (variando, em alguns momentos, para o sintagma *moita de cana*) que é transportada pelo *carro de boi* ou em *cambitos* (madeiras em forma "v", onde são presas as moitas de

cana-de-açúcar) na sela de algum animal de carga. Em alguns momentos, esse transporte é feito por meio de *esteiras* (carrinho rústico de madeira, com rodas de ferro), quando o *canavial* está perto do engenho (ou *casa do engenho*).

A indústria de cana-de-açúcar utiliza dois modos para o plantio da cana-de-açúcar: o *semimecanizado* (outros termos são sinônimos desse, como *plantação tradicional* ou *plantação manual*) e o *mecanizado*. O mecanizado é completamente feito por meio de máquinas que fazem muitas tarefas simultaneamente, só tendo como fator negativo o cuidado com o plantio e com as sementes, na hora da plantação; e o semimecanizado que, em algumas regiões do Maranhão, os micros e os pequenos agricultores utilizam algum aparelho mecânico como carro, trator ou caçamba, praticando, desse modo, uma *plantação semimecanizada*, onde são utilizados alguns aparelhos mecânicos no trabalho com o plantio.

Na indústria, a plantação é feita primeiramente com a abertura das valas; o sistema em cova ou não é praticado ou o é feito de maneira escassa, sempre sendo feitos *sulcos* onde são colocadas as sementes da cana com o *sulcador*, que é uma máquina com a qual são abertas valas para que a cana seja plantada em *fileira*. Na indústria, como fazem o micro e o pequeno agricultor de cana-de-açúcar, a cana *rebrotada* e a cana mais velha são as primeiras a serem cortadas. É interessante observar que, para o plantio mecanizado, alguns aspectos antes são observados, como a química do solo e a condição atmosférica do *canavial*, entre outros fatores.

O plantio é feito com uma máquina que faz o plantio automático, chamada de *plantadora*. Após a máquina *sulcadora*, o plantio é feito pela *plantadora*, que separa automaticamente as sementes picadas da cana (chamadas também de *rebolo*). Outro tipo de "semente" de cana é chamado *cana inteira* (na qual a cana é colocada inteiramente nos sulcos). A *plantadora*, enquanto coloca as *mudas de cana* nos *sulcos*, espalha o adubo e o inseticida, cobrindo, logo após, os sulcos com algumas camadas de terra. Algumas *plantadoras* lançam também a *torta de filtro* (restos do *bagaço* da cana-de-açúcar, após o processo de prensa na usina), *vinhaça* (subproduto da

produção de álcool, com elevados teores de potássio, água e outros nutrientes) e *palha* como um adubo natural. O *acerto do sulco* (espaço entre as fileiras da cana-de-açúcar) deve ser considerado para que haja um bom *refilhamento da cana* (rebrote da cana nas gemas inferiores).

Com os termos levantados nesse campo, pôde-se fazer uma tabela comparativa para que se possa observar qual a distribuição conceitual dos termos, bem como a diferença entre as duas maneiras de colheita da cana. A mecanização da cana, como pode ser observado, suprimiu inúmeros termos. O emprego da *sementeira* e da *sulcadora* aposentou os trabalhadores braçais, que eram os principais usuários dos termos mais antigos, como *enxada*, *esteira* e *feixe*, *facão*, instrumentos não utilizados em uma plantação mais mecanizada.

É interessante observar que alguns termos do micro e do pequeno agricultor foram incorporados pela indústria, como *fileira* e *bagaço*. Por outro lado, no campo conceitual plantação, a presença do técnico é bem mais expressiva, tendo o micro e o pequeno agricultor de cana-de-açúcar incorporado alguns termos, como *sulcos*, *sementes* e *cobertura morta*.

Nesta investigação, foi possível observar os termos mais gerais do campo, não tratando, desse modo, de termos mais específicos da indústria, como os termos *sistema de pivô central*, *adubações de cobertura*, *escaldadura* - que são termos que denominam processos e técnicas mais específicas praticadas pelo agrônomo e pelo zootecnista - só para exemplificar com alguns termos, por não se achar campo conceitual ou termos equivalentes no universo do micro e pequeno agricultor de cana-de-açúcar.

<b>TERMOS DA CANA-DE-AÇÚCAR: CAMPO CONCEITUAL PLANTAÇÃO</b>	
<b>MICRO E PEQUENO AGRICULTOR</b>	<b>INDÚSTRIA CANAVIEIRA</b>
cova, sulco, vala	sulco
olho, olhadura, canudo, semente	rebolo, semente de cana, muda
linha, fileira	fileira
	sementeira
enxada	
facão	
carro-de-boi	caminhão, caçamba
esteira	
feixe	
	torta de filtro
filhar, soca	refilhamento da cana, rebroto
	acerto do sulco
bagaço	bagaço
engenho, casa do engenho	usina ou engenho
corte	corte mecânico e corte manual
cobertura morta	cobertura morta
broca,	broca, broca de cana, broca gigante
touceira	touceira
	vinhaça

### 3.2.2. CAMPO CONCEITUAL: BENEFICIAMENTO DA CACHAÇA

A indústria de cana-de-açúcar, além de produzir o etanol, o álcool e o açúcar, também tem sua produção de cachaça. O micro e o pequeno

agricultor beneficiam a cachaça, a rapadura e, em escala menor, o açúcar. Nos dados referentes ao micro e ao pequeno agricultor de cana-de-açúcar encontrou-se um número maior de termos referentes à produção artesanal de cachaça<sup>8</sup>. Neste estudo, compara-se os termos da indústria e do engenho que destilam a cachaça.

O micro e o pequeno agricultor produzem cachaça por meios bastante tradicionais, se comparados à indústria. Tem-se, desse modo, muitos termos antigos e, em alguns momentos, encontra-se a interferência do técnico agrícola, com sua terminologia.

A produção de cachaça inicia-se com a *moagem* da cana. As canas são introduzidas no *engenho* após uma rápida *lavagem*. Os *colmos* são introduzidos separadamente, um por um. Os *rolos do engenho* moem a cana, que é introduzida repetidas vezes para a total extração do *caldo de cana*. Após ser extraído pela *moenda*, o caldo pode cair em um *cocho* que se encontra abaixo da moenda, ou pode passar por ligações de canos feitas entre a moenda e a *dorna* (vasilha grande de plástico ou madeira própria para armazenamento de líquidos). Em alguns engenhos, entre a *calha* (tubo por onde o caldo sai da moenda) e a *dorna*, há uma *escumadeira* (peneira em formato circular ou quadrangular, que serve para separar o caldo de impurezas e da espuma). Após a extração, o caldo é colocado no *pé de cuba* (dorna ou um tonel contendo farinha de puba) para *vinhar* ou para tirar a acidez do caldo de cana-de-açúcar. Em algumas vezes, o caldo é colocado junto com soda cáustica ou cal, para acelerar o processo de neutralização do caldo. Durante dois ou três dias, o caldo fica *vinhando*. Durante o processo, o caldo borbulhante é chamado de caldo vivo. No final, quando não borbulha mais, denomina-se *caldo morto*. Após *vinhar*, o caldo é colocado no *alambique*, geralmente feito de barro ou cobre, nos engenhos mais modernizados.

No alambique, o caldo é cozido durante quatro ou cinco horas, até destilar toda a cachaça: a fumaça do caldo sobe por uma encanação de ferro

---

<sup>8</sup> Serra (2011) observa que a produção do micro e do pequeno agricultor de cana-de-açúcar do Maranhão é voltada especificamente para a destilação da cachaça, sendo quase inexistente a produção de açúcar pelo micro e pequeno agricultor.

com formato espiral, denominada *serpentina* (ou *serepentina*), que está imersa no *tanque* com água fria. O choque térmico entre a fumaça (quente) e a água (fria), na serpentina, acaba por condensar a fumaça, transformando-a em *cachaça*. O primeiro litro de cachaça o lavrador denomina *cabeça* (ou *cachaça de cabeça*); os litros restantes são denominados de *coração*; os últimos e, portanto, com menor teor alcóolico, denominam-se *rabo* (ou *caxixi*). O plantador mistura o *rabo* e a *cabeça* para produzir uma cachaça com teor alcóolico mediano, que consome em sua diária no canavial.

A indústria, por sua vez, produz a cachaça desde a colheita (*o corte*), porque é feita observando o menor desgaste da planta, evitando a *queima* do canavial. Após o *corte*, a cana é levada para ser moída no *engenho* (*moenda*) repetidas vezes (*moagem*), até que os *feixes fibrovasculares* possam expelir todo o caldo existente neles. Algumas vezes, a *moagem* não é suficiente para a extração completa do caldo, sendo utilizada a *embebição*, que consiste em numerosas lavagens do *bagaço* da cana-de-açúcar. A embebição é o final da *moagem*, sendo denominada a partir do número de vezes que ela é embebida, podendo ser chamada de *embebição dupla*, *tripla* e assim sucessivamente.

Após a moagem, o caldo é passado por *peneiras*, que podem ser *peneiras fixas*, *peneiras rotativas* ou *peneiras vibratórias* para separar os sólidos restantes do caldo, como o *bagacilho* (*pequenos pedaços do bagaço*), terra, pedras e etc. Após o peneiramento do caldo, ele é colocado para *decantar* (o caldo é deixado sem movimentação para que haja separação entre os resíduos da cana e o caldo) no *decantador de caldo*. Desse modo, o caldo que passou pelos processos de *peneiração* e *decantação* é denominado *mosto*.

O mosto é colocado para fermentar com o *pé-de-fermento* (produto químico utilizado para a concentração, ou seja, diminuição da acidez do caldo.). Na indústria, a fermentação consiste em diversas modificações passadas pelo caldo, por meio de processos químicos (como *estabilização do pH do caldo*, *extração do oxigênio*, mutações das características do caldo causadas pelas *leveduras*, entre outros processos) que acontecem na *dorna de fermentação* (recipiente de aço ou madeira onde é feita a fermentação de

*caldo da cana*). A fermentação da cachaça passa por três momentos específicos, como a *fermentação preliminar, principal* ou *complementar*. Tais momentos são as características que o caldo apresenta durante a sua fermentação, que vai desde o aquecimento do caldo, aborbulhamento e esfriamento do caldo, respectivamente.

Após a fermentação, o mosto é colocado no *alambique* para *destilar* (ferver e evaporar-se), para depois ser condensado na *serpentina* do *alambique*.

Assim como o micro e o pequeno agricultor, a indústria nomeia a produção de cachaça de três formas que estão relacionadas ao teor de álcool da cachaça que sai do *alambique*. Desse modo, a *cachaça de cabeça* é como são denominados os primeiros litros de álcool que saem do alambique: esses possuem um nível alto de álcool, não sendo consumido geralmente; no segundo momento, os litros restantes são chamados de *cachaça coração* ou *coração da cachaça*, que é a cachaça que apresenta níveis satisfatórios de teor alcoólico, sendo o produto comercializado. A cachaça com maior teor de água e menor de álcool é que o técnico chama de *rabo da cachaça*, essa não é utilizada, assim como a *cachaça cabeça*. Após a destilação, a cachaça passa a ser denominada como *aguardente*.

Como aguardente, a cachaça passa pelo processo de *envelhecimento* que consiste no armazenamento durante um longo tempo da aguardente em recipientes de madeira, para que esta possa se misturar com alguns elementos que estão na madeira e melhorar o aroma e a cor da aguardente.

TERMOS DA CANA-DE-AÇÚCAR:	
CAMPO CONCEITUAL BENEFICIAMENTO	
MICRO E PEQUENO AGRICULTOR	INDÚSTRIA CANAVIEIRA
corte	corte
moagem	moagem
engenho	engenho/moenda

-	feixes fibrovasculares
lavagem	embebição dupla, tripla...
escumadeira	peneiras fixa, rotativa, vibratória
-	bagacilho
cocho	-
dorna	decantador de caldo
calha	-
pé-de-cuba	pé-de-fermento
vinhar	-
-	mosto
caldo vivo	fermentação principal
caldo morto	fermentação complementar
destilar	destilar
alambique	alambique
serpentina (serepentina)	serpentina
tanque	-
cachaça da de cabeça	cachaça de cabeça
coração	coração
cachaça de rabo(caxixi)	cachaça de rabo
-	envelhecimento

Com relação aos dados apresentados aqui é possível observar alguns distanciamentos e contatos entre as terminologias utilizadas pelas duas áreas nos dois níveis de especialização. É notória a introjeção da terminologia do técnico na linguagem do micro e do pequeno agricultor. Mesmo com isso, também é possível observar que há ainda alguma resistência por parte do micro e do pequeno agricultor em manter a terminologia que lhes é própria.

## 4. Últimas Considerações

Os dados mostram que, no universo linguístico da cana-de-açúcar no Brasil, a variação se dá não só por motivos diatópicos, como já observado em outros momentos (SERRA 2012), ou por motivos intralinguísticos, mas também pelo nível de especialização dos indivíduos que falam e assinam os textos do universo. A comparação entre discursos de dois diferentes profissionais de um mesmo universo se mostrou bastante eficiente nesse sentido, pois a variação lexical ficou evidenciada com os dados expostos ao longo do estudo.

No estudo feito aqui, observou-se que a terminologia do micro e do pequeno agricultor de cana-de-açúcar sofre modificações a partir da assimilação de alguns termos dos técnicos (ou da indústria). Já é possível ver essa relação muito claramente na fala do micro e do pequeno agricultor, por meio dos termos empregados por eles. Contudo, um outro estudo diacrônico se faz necessário para observar até onde pode ser notada a preservação, no discurso da indústria, dos termos do micro e do pequeno agricultor. Termos como *cobertura morta*, *semente* e *moagem*, só para citar alguns, são amplamente utilizados pela indústria, configurando-se como termos técnicos.

Espera-se que este estudo motive outros, e que possam surgir estudos que façam essa comparação e vejam se esse tipo de variação, dada pelo nível de especialização de uma atividade, é sistemático, ou seja, se ela pode ser observada em outros universos profissionais.

## 5. Referências bibliográficas

- AUGER, Pierre. Essai délaboration d'une modele terminologique/terminographique variationniste. *Revista TradTerm*, n 7, 2001 : 183-224.
- BARROS, L. A. Aspectos epistemológicos e perspectivas científicas da terminologia. *Cienc. Cult.* [online]. Vol.58, n.2,2006: 22-26. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v58n2/a11v58n2.pdf>

SERRA, L. H - A terminologia da cana-de-açúcar no Brasil em duas perspectivas:  
do engenho à usina

- CABRÉ, M. T. Una nueva teoría de la terminología: de la denominación a la comunicación. In. Terminologia, desenvolvimento e identidade nacional. VI Simpósio Ibero-Americano de Terminologia. *Anais...*Lisboa, 2002 : 41-60.
- GAMBIER, Yves. Travail et vocabulaire spécialisés : prolégomènes à une socio-terminologie. *Meta : journal des traducteurs*, v 36, n 1, 1991, 8-15.
- GAUDIN, Françoise. *Pour une socioterminologie: des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles*. Rouen: Université de Rouen, 1993.
- LERAT, Pierre. *Las lenguas especializadas*. Barcelona: Ariel, 1997.
- NUNES, N.N. Mudança e variação na terminologia açucareira actual do Brasil. *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, v 3, 2008. 177-195. Disponível em: [www.revistaestudoslinguisticos.com.pt](http://www.revistaestudoslinguisticos.com.pt)
- SERRA, L. H. *Um glossário eletrônico da cana-de-açúcar do Maranhão. Monografia* (Licenciatura em Letras), Universidade Federal do Maranhão, 2011.
- \_\_\_\_\_ A sinonímia na terminologia da cana-de-açúcar do Maranhão: um olhar diatópico. *Revista Ideação*, n 14, v 2, 2012.p 50-65
- SOUTO MAIOR, M. *Dicionário Folclórico da cachaça*. 2ª ed. Recife, 1980.
- SOUZA, I. P. *Do engenho à usina: estudo diacrônico da terminologia do açúcar*. Dissertação (mestrado em Filologia e Língua Portuguesa). Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, 2007.
- RODRIGUES, J. A.R. Engenho à biorrefinaria: a usina de açúcar como empreendimento industrial para a geração de produtos bioquímicos e biocombustíveis. *Quím. Nova* [online]. V.34, n.7,2011, pp. 1242-1254.